OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO ESTRANGEIRO

ASSIGNATURA

Moeda fraca	PORTUGAL E COLONIAS		Franco de porte
Anno ou 24 numeros	2$000	Trimestre ou 6 numeros	$650
Semestre ou 12 numeros	1$500	N.º avulso ou pago á entrega	$120
	ESTRANGEIRO		
Anno ou 24 numeros	3$000	Semestre ou 12 numeros	1$500

1.º ANNO — VOLUME I — N.º 8

15 DE ABRIL 1878

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

EXPEDIÇÃO GEOGRAPHICA PORTUGUEZA Á AFRICA AUSTRAL

HERMENEGILDO CAPELLO E ROBERTO IVENS (Desenho composto por M. de Macedo, segundo uma photographia enviada pelos expedicionarios)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, por Guilherme de Azevedo — J. P. Oliveira Martins, por J. Batalha Reis — Expedição geographica portugueza á Africa Austral, por Luciano Cordeiro — As nossas gravuras — A serração da velha, por Pinheiro Chagas — Os ultimos amores de Goethe, por D. Maria Amalia Vaz de Carvalho — Gabriel, por Christovão Ayres — Actualidades scientificas: phonographo fallante de Edison, por F. Benevides — Bibliographia.

GRAVURAS. — Hermenegildo Capello e Roberto Ivens — Oliveira Martins — O reclamo — A serração da velha — O phonographo fallante de Edison — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Como estamos em pleno abril não é de admirar que a ultima quinzena fosse inteiramente consagrada aos madrigaes.

Este doce entretenimento, a que muitos chamaram a *Guerra do Parnaso*, resumiu-se n'uma pugna travada a *triolets* e a versos alexandrinos entre varios poetas conhecidos e amigos. É pois inteiramente destituida de fundamento a noticia que sobresaltou os planos da provincia, da musa nova e a musa velha estarem pronunciadas sem fiança por jogarem a facada nas ruas de Lisboa.

Não se comprehende mesmo bem que motivo d'odio haja entre estas duas senhoras. A musa de Victor Hugo é a maior admiradora que se conhece da de Shakespeare, apesar de ser mais nova do que a sua rival cerca de 300 annos, d'onde eu concluo que a questão não é simplesmente da quantidade de rugas, é unicamente da quantidade de genio.

Diga-se entretanto que se alguem em Portugal foi culpado da indisposição entre as duas musas, deve attribuir-se tal culpa a varios sujeitos que, por não terem entrada no circulo intimo, começaram a intrigar de fóra, tornando um capricho feminil, proveniente da differença d'edades, n'uma grave indisposição de familia.

Sim, foram elles que, arvorando-se em procuradores da musa velha, começaram a dividir o mundo a seu bel prazer, ficando á sua parte com as campinas, com a innocencia, com a lua, com as estrellas, com a paz do lar, com as mulheres bonitas, e deixando apenas aos da *idéa nova*, os sapatos velhos, os talos de couve, um ou outro astro mais exquisito, uma constellação em mau uso, e emfim, para os contentar, uma mulher arruinada, de quando em quando.

Ora os da idéa nova revoltaram-se, e com rasão, contra esta partilha do mundo feita com muito menos caridade do que a feita por Deus segundo a ballada de Schiller. Elles allegavam, e com razão, que, cantando as pequenas, as infimas cousas, ajudavam o grande trabalho de *humanisação*, que é uma das glorias do nosso tempo. E na verdade póde-se cantar um verme, e ser-se mais humano e maior do que cantando o Omnipotente! Distribua-se, por exemplo, um sapo a Victor Hugo, e a Beatriz ao sr. João Felix. Nas mãos d'este sabio professor a mulher é que ha de parecer o sapo; nas de Hugo, o sapo terá as scintillantes irradiações d'um astro!

É a tal cousa. A questão verdadeiramente não é da idade das musas nem da differença das escolas: é unicamente da quantidade de talento.

Agora diga-se tambem em abono da verdade que as pretenções attribuidas á musa velha ainda mereciam ser discutidas se a referida musa tivesse ao menos a condescendencia — d'existir!

Mas não, a velha musa expirou; morreu como devia morrer, com o romantismo, cujo passamento Guerra Junqueiro começou já a cantar n'um poemeto d'este feitio:

O Romantismo sombrio
Morreu a noite passada,
Expirou como um vadio
N'um catre d'agua furtada.

. . . . . .

A noticia d'estes factos
Commoveu a Europa inteira;
Morreram virgens com flactos
N'alguns concelhos da Beira.

Sim, a musa velha morreu: a musa de 1840, a que alimentou a chá, a *crenças* e a lampreia d'ovos, uma geração de trovadores que em parte ainda hoje arrasta a phantasia cançada nos concelhos da corôa ou nos cargos diplomaticos, essa já hoje não póde inspirar os verdadeiros poetas do nosso tempo.

A que ahi veem passar e que muitos suppõem a musa de Garrett, é apenas uma sombra que ficou vagueando de caleche, pelo Chiado, recebendo uma vez cada semana, afim de illudir a pobre phantasia d'alguns sentimentalistas fanaticos.

Posta a questão n'estes termos, ouso contestar ao sr. Luiz de Campos, a quem préso pelos bonitos versos que faz, e pelos bonitos olhos que canta, o exclusivo d'estes olhos, quer elles sejam negros, quer azues, ou mesmo castanhos escuros, de qualquer procedencia que sejam, e que o distincto poeta intente considerar apenas propriedade d'uma escola, dividindo imprudentemente o paiz em duas parcialidades rivaes.

Os da *idéa nova* terão emfim todos os defeitos e todos os vicios de que é susceptivel a alma e a metrificação humana; demos mesmo de barato que muitos pela inferioridade dos versos pareçam não se ter libertado dos laços de familia que os prende á escola de 1852, mas com os demonios! não queiram uns só os olhos bonitos para si, diligenciando *tirar os olhos* aos outros!

Na contenda poetica entre o sr. Luiz de Campos d'um lado, e varios trovadores mais ou menos anonymos — e mais ou menos delicados do outro, descobriu-se o seguinte: que em Portugal, se envestigarmos bem, se apalparmos convenientemente os portuguezes, nas consciencias, nas algibeiras e nas secretárias, cada um de per si, havemos d'encontrar, com rarissimas excepções, uma poesia perfurante no fundo de cada um. As columnas dos jornaes podem nos ultimos dias dar testemunho d'isso.

Circumstancia attenuante: ha muitos versos praticados innocentemente, com uma ingenuidade cheia de sylabas a mais, e com uma candura cheia de sylabas a menos.

Ao mesmo tempo tambem ha quem os saiba fazer, occultando perfeitamente essa fraqueza; ainda que, nos tempos que vão correndo, se a utilidade da poesia é contestada por um lado, a magestade do verso é altamente honrada por outro.

Faz versos o Papa Leão XIII, praticam-nos a rainha de Inglaterra, a de Holanda, Bismark, lord Disraeli, o duque Descazes, Cánovas del Castillo e muitos outros, emfim, nas sombras da noite, a occultas, espiando a inspiração, e atravessando-a a uma esquina com um rolo de papel assetinado, ou talvez muitas vezes almaço: — não posso esclarecer bem este ponto.

Mesmo entre nós, sim, quem suspeita o leitor *que não faz* versos?

Ainda ha pouco, por exemplo, passou perto de mim um album que, no alto d'uma pagina, continha o seguinte:

PETIÇÃO

Uma palavra, uma data,
Uma expressão de doçura
E se não podér ser tanto
Ao menos a assignatura.

e logo em seguida:

Uma palavra? *Respeito*.
Uma data? Vae no fim.
Uma expressão de doçura?
Amizade. Não é assim?

Estão agora satisfeitos
Os seus desejos. Pois não?
Ainda falta a assignatura.
É verdade, tem razão.

E pois que em paga promette
Que ha de receber mercê,
Vá pensando no que seja
Que me faça ou que me dê.

Mas não. Eu é que lhe devo
Respeitos e gratidão,
Dar-me logar no seu album
Já foi grande distincção.

Por ella, minha senhora,
Lhe vota gratos desvellos
O seu visinho e amigo
Teixeira de Vasconcellos.

Lisboa, fevereiro 1878.

Ora, aqui tem querida leitora que, mesmo os publicistas mais notaveis, de quem menos se suspeita, exactamente pela simples razão de terem espirito, não desdenham de quando em quando, descançando a penna das pugnas quotidianas do jornalismo, passal-a amavelmente pelas cordas da lyra em louvor d'uns olhos supplicantes que encontram no seu caminho.

Sim, todos nós, moços e velhos, estamos sujeitos a prevaricar. N'esta crise então, tanto os que saiam á estacada como representantes da escola velha, como os da escola nova, mostravam de continuo que todos somos susceptiveis de errar de quando em quando — sobretudo versos.

Esta virtude, principalmente, não me parece apanagio de nenhuma facção.

— Depois da contenda poetica, não se póde dizer que os ultimos dias tenham sido completamente ermos de successos. Ao contrario, só em theatros contamos tres ou quatro, pelo menos.

Em primeiro logar, na Trindade tivemos a *Guitarra*, uma deliciosa opereta em um acto, de Augusto Machado, amador distinctissimo, de apurado gosto musical, já conhecido, ha muito, como um dos mais serios cultores da arte no nosso paiz. A *Guitarra* é uma pequenina *bluette* musical, de finissimos toques, avultando n'ella especialmente uma canção da idade media, tratada com o esmero d'uma filagrana de lavor delicado e exquisito.

Nos Recreios ouviu-se a opereta *Les Distractions de Madame*, lettra de M.me Rattazzi, musica de M.elle Barriere, de collaboração com um *joven diplomata* — o sr. Gastão Mesnier, segundo a phrase dos jornaes.

Les Distractions de Madame, transportadas do conforto das salas do Hotel Central para a espessura dos Recreios, soffreram o abalo que póde experimentar uma planta dos tropicos levada de repente para o polo norte.

E na verdade, passar do acompanhamento feito pelos afilados dedos de M.elle Barriere, no piano, para o motim praticado sem respeito para com a obra de duas senhoras distinctas, por varias trompas e rebecas insubordinadas, é realmente um salto violento.

Assim, ao passo que M.elle Luigine fazia todo o possivel para pôr em relevo as bellezas da partitura, houve seis rebecas de má indole que a contrariaram n'este proposito, levadas pelas suggestões d'um trombone desvairado, conseguindo firmar em alguns espiritos a convicção de que a elegancia da opereta não correspondia inteiramente á elegancia natural das auctoras. Tambem, se o conseguisse, *Les distractions de madame*, seriam simplesmente uma obra prima.

— Em S. Carlos estreiou-se a companhia franceza d'opera comica, com a opera de Ambroise Thomas, *Le songe d'une nuit d'été*. Foi uma

noite memoravel, pelo triumpho completo da moderna arte franceza sobre a decadente escola italiana. M.me Devriés é uma artista notavel pela sciencia do canto. Faz o desespero dos velhos amadores pela intrepidez com que desafina, obrigando-os ao mesmo momento a applaudil-a pelos prodigios de vocalisação que executa.

Foi heroe da noite o tenor Dereims. Para seu completo elogio basta dizer que Shakespeare, se o visse representar o seu papel, não teria vontade de lhe bater, como naturalmente não deixaria de fazer a qualquer *tenorino* italiano de melenas sentimentaes e gestos inspirados. Dereims tem as melenas, mas tem ao mesmo tempo a magestade epica, as duas cousas mais difficeis de conciliar, sabendo ser a expressão legitima do typo que representa—o que não é muito facil realisar, cantando.

— D'entre todos os acontecimentos que devemos registrar, o mais ruidoso foi a apparição no trapezio dos Recreios de Miss Leona Dare, a princeza do funambulismo, uma americana que tem no seu paiz uma reputação a par do general Grant ou do romancista Bert Hart,—apenas pela força do dente, e pela belleza esculptural das fórmas. Os giros de Miss Leona Dare produzem allucinações extranhas. Illuminada a luz electrica, suspendendo com uma mordidela tenaz, do trapezio aonde volteia, outro trapezio d'onde pende um comparsa do funambulismo, Leona Dare parece mais uma visão diabolica do que um ser humano, recordando-nos esses eternos volteadores que, em vez de segurarem assim nos dentes um arlequim, seguram antes um quinhão nos orçamentos dos estados.

GUILHERME D'AZEVEDO.

J. P. OLIVEIRA MARTINS

I

Quando as pesadas edificações d'um convencionalismo secular foram completamente derrocadas, e quando a alma humana surgiu das ruinas do que lhe fôra por tanto tempo prisão estreita, o mundo sentiu-se commovido com a formulação nova de uma immensa quantidade de idéas e de sentimentos. A alma expontanea e livre, a natureza nua e real servindo-lhe de symbolisação, a arte nascendo d'este consorcio intimo, appareceram transformadas d'uma riqueza repentina.

A luz das idéas não se tornou menos viva. Em volta d'ella porém irradiaram nimbos de claridade mais vaga, aureolas de gradações impallidecidas, esbatidas umas nas outras, como uma escala infinita de vagos e profundos tons. Os astros não brilharam menos desde então, mas começaram a distinguir-se as nebuloses.

Foi isto o Romantismo.

Com o crepusculo d'esta extraordinaria aurora que surgiu das profundidades mysteriosas da edade media, espalhou-se sobre o mundo uma claridade differente que vinha do seculo XVII e que começou a determinar com precisão material os contornos exactos das cousas. Foi a Sciencia moderna.

Tão forte e tão completamente se apossou o Romantismo da alma humana, que, em muitos espiritos, ainda hoje perturbados, elle combate de continuo a serena lucidez das faculdades scientificas. Tambem d'esta coincidencia entre duas correntes, que, nos seus resultados extremos, uma á outra se contrariam, derivam quasi todas as doenças moraes da nossa epoca.

Incerteza nas bases da sociedade;
Analyses extremas de factos moraes;
Sentimentos d'uma complexidade nova;
Religiosidade indeterminada;
Nevroses reveladoras;
Visões doentias do espirito, mas, ao mesmo tempo, incerteza dos limites entre a physiologia e a pathologia moral;
Experiencias feitas sobre todas as fibras do proprio coração como *in anima vili*;
Indeterminações musicaes na arte;
Melancolias desanimadas;
Scismar indefinido:

Eis os nomes d'alguns dos modernos estados d'espirito onde se desenvolvem essas grandes doenças fataes a que raros se subtrahem completamente. Por ellas é o homem moderno, no meio da sua prodigiosa riqueza, tantas vezes fraco e incerto.

Da entrada, na grande dilatação romantica da alma humana, de tantos novos elementos sentimentaes, resultou ao mesmo tempo um mais vasto horisonte e uma menor claridade.

II

O sr. J. P. Oliveira Martins é um homem de sciencia que nunca foi romantico. É este, quanto a mim, na litteratura contemporanea, o seu caracter essencial. São as fortes qualidades que se derivam d'esta situação incompleta do seu espirito que hão de tornar a sua obra uma das mais notaveis entre as modernas producções portuguezas.

Cumpre, porém, juntar a este um outro traço: Comprehender perfeitamente uma phase do espirito pela qual se não passou, entender um sentimento, sentil-o quasi, quando se não está, para assim dizer, dentro d'elle, é a suprema difficuldade e a suprema prova da força d'uma intelligencia.

O sr. Oliveira Martins estudando as grandes creações derivadas do Romantismo, vivendo no meio das perturbações de espirito que d'ellas resultam, entende completamente seu tempo. O seu espirito positivo comprehende as formulações artisticas modernas, o seu methodo naturalista deixa-o estimar o mysticismo e as necessidades de positivismo que tanto o dirigem não o impedem de formalmente professar a metaphysica.

D'esta ultima situação moral, sobretudo deriva a impressão particular que produzem quasi todos os seus livros — *Os Luziadas e Camões*, a *Theoria do Socialismo*, *O hellenismo e a civilisação christã*.

Espirito, pelo que acabei de mostrar, imperturbavel, o seu trabalho é rapido, seguro, rectilineo, sem scismar vago, sem digressões para além do assumpto, e por isso esse trabalho é espantosamente productivo. Não se identifica com o assumpto, mas vê-o de fóra com inteira clareza; não se apaixona por elle, estudando-o pela exclusiva applicação d'uma rasão fria, sã e methodica. Por isso o sr. Oliveira Martins passa d'um para outro assumpto sem commoção, sem precisar romper estreitas identificações, como uma capsula de vidro, limpida e incontaminavel, que póde conter, successivamente, liquidos differentes que se não misturem. É tambem por isso que elle póde ser, quasi ao mesmo tempo, engenheiro, philosopho, industrial, historiador, negociante, financeiro, economista, critico d'arte, e escriptor politico.

Em todos estes campos, porém, tão diversos, os objectos que elle encara, e que requerem uma solução scientifica, estão sempre illuminados por uma luz precisa, que os deixa vêr, nitidamente destacados, sobre um fundo que lhes marca fortemente os contornos, sem penumbra apreciavel.

E' evidente que o sr. Oliveira Martins deve ter os defeitos das suas grandes qualidades. A espiritos como o seu já alguem chamou *simplistas*.

É que, nos vagos aspectos das cousas, fica uma grande parte da realidade. E, quando apenas se segue com precisão, a linha dominante d'um systema de idéas, esse systema caracterisa-se sem duvida, mas não se faz viver.

Para acabar de esboçar a figura saliente do homem de lettras de que me occupo, falta apenas um traço essencial. Na impressão que produz a clareza sã e bondosa da sua intelligencia de escriptor ha n'uma grande parte a influencia do seu caracter de homem. Quando elle falla, no ultimo livro, do estoicismo grego e romano, ou quando marca, em artigos criticos, os traços dominantes do caracter de Alexandre Herculano e de Proudhon, sente-se bem que elle applica a outros a propria norma da sua consciencia.

O logar que o sr. Oliveira Martins occupa na nossa litteratura, é muito difficil de caracterisar, em poucas palavras, dada a extraordinaria actividade do seu espirito.

O ultimo livro,[1] reproduzindo o processo já applicado ao estudo da nacionalidade portugueza na Renascença,[2] marca uma das suas maneiras mais notaveis. N'esse livro estão descriminadas e lucidamente analysadas, na sua origem historica e na sua psychologia mais apparente, todas as idéas, senão todos os sentimentos, que formaram as bases do que foi, cerca de onze seculos, a religião da humanidade: o christianismo. Esse livro resume as conclusões capitaes da erudição moderna, para apoiar n'ellas uma philosophia de historia que pertence ao auctor.

O papel, porém, que o sr. Oliveira Martins tem a representar, nos destinos da nossa sociedade, ha de sem duvida ser aquelle que mais accentuará, na historia, a sua physionomia.

Esse papel é facil de prever e é para elle que o sr. Oliveira Martins se me afigura especialmente forte e adaptado na sua vigorosa organisação moral.

Assim, o seu livro mais caracteristico é, sem duvida, o *Exame constitucional da sociedade portugueza e a sua reorganisação pelo socialismo*. Este assumpto solicitava todas as qualidades de espirito do sr. Oliveira Martins sem dar logar a nenhum dos seus defeitos. É ali que a precisão, a clareza, as qualidades sãs de luctador, o seu profundo e constante bom senso, reduzem á arithmetica a utopia e desmascaram pela logica, e pelo ridiculo que sae naturalmente das cousas postiças, a falsidade das instituições e o cynismo das classes.

Que juizo poderá fazer-se d'uma sociedade que não encontrou ainda uma palavra, sequer, para se defender d'um livro que é, para ella, um ataque tão brilhante e uma negação tão forte?!

JAYME BATALHA REIS.

EXPEDIÇÃO GEOGRAPHICA PORTUGUEZA

Á AFRICA AUSTRAL

III

Uma anecdota que me contaram, caracterisa Brito Capello.

Em certa occasião n'um ponto qualquer da costa africana, andando a distrahir na caça os ocios do cruseiro, viu de repente debandarem, aterrorisados, os companheiros, ao grito d'um negro que annunciava, fugindo, a proximidade d'um leão.

[1] *O hellenismo e a civilisação christã*, 1878.
[2] *Os Luziadas e Camões*, 1872.

Capello nunca lográra ver de perto um leão a valer, genuino, authentico, na plena independencia da sua terrivel soberania, — que os criados em jaula, são apenas uma especie de pobres comediantes destinados a darem uma pallida e incompleta idéa, uns traços inoffensivos ou graciosos da sua formidavel realidade.

De arma engatilhada, e com a mão nos fechos, olhou de redor e não viu a magestosa féra. Mas o negro apavorado, apontava para o juncal visinho.

Capello avançou, cheio de curiosidade, sem hesitação, tranquillamente; poz-se a rondar o sitio, a atirar pedras para dentro, como quem levanta perdizes ou coelhos, e como o leão não se resolvesse a sahir, metteu-se elle aos juncos.

Não se adiantou muito que não desse com o formoso animal, que se espreguiçava voluptuosamente na sombra, como que deliberando-se emfim a averiguar quem lhe viera importunar a somnolencia.

Uma turvação instantanea que surprehendesse este denodo, um assombro subitaneo que desnorteasse este arrojo, uma commoção de terror que fizesse com que o dedo não encontrasse o gatilho, ou com que o raio visual não enfiasse a mira, seria a morte, irremediavelmente.

O leão porém é que foi verdadeiramente surprehendido pela bala: viu o caçador e sentiu a morte ao mesmo tempo. Uma garra que estendesse, despedaçava aquella insolente coragem. Mas essa coragem deliberava mais rapidamente do que o musculo se movia. Percebêra o perigo antes que resolvesse o instincto.

Typo perfeitamente, solidamente original, como os seus companheiros actuaes, o d'este moço! Pessoa alguma, das muitas que levadas da natural curiosidade de ver o material da expedição, o visitaram e ouviram n'aquella salasinha mesquinha e desconfortada do Ministerio da Marinha, onde os dois, durante alguns dias, estiveram expondo e explicando com uma paciencia heroica, os seus projectos e os seus apparelhos de cosinha, as suas esperanças e os seus instrumentos de observação, pessoa alguma deixou de notar a graciosa e modesta naturalidade com que Capello fallava da campanha a que ia lançar-se, como quem tratava d'um cruseiro mais a fazer nos mares d'Angola, ou de Moçambique. Era necessario que aquelle serviço se fizesse; que se devassasse o sertão; que se atravessasse a Africa; — Capello sentia no seu patriotismo, reconhecia no seu elevado criterio, que era necessario fazer-se isto; — agradava-lhe o encargo; encontrára companheiros que lhe apraziam; davam-lhes os meios que lhe pareciam necessarios; — pois bem! em vez de ir fazer uma estação na costa, iria fazer uma viagem no sertão.

OLIVEIRA MARTINS, AUCTOR DO NOVO LIVRO — O hellenismo e a civilisação christã
(Segundo uma photographia)

Elle sabia excellentemente que atirava a existencia folgada, sadia e moça, a uma loteria de privações, de combates, de fomes, de doenças, de desconfortos. Que diacho! tambem as ondas não são muito certeiras, nem o cruseiro muito hygienico, nem a vida do mar, em summa, muito commoda e facil. Em toda a parte se soffre e se lucta. Que é a vida senão uma peleja? Ora então, que ao menos a pugna offereça alguma novidade.

Capello tem pelejado com o mar. Conhece-o. Sabe já a esgrima d'este velho lutador.

Vae lutar com o sertão: é um adversario novo, ao menos. Tem as attracções do desconhecido.

Estes eram os dois exploradores: — Serpa e Capello, — que seguiam no *Zaire*.

Havia porém um terceiro, que elles contavam encontrar em Loanda, e que partia de lá exactamente na idéa de os encontrar aqui.

Era Roberto Ivens, segundo tenente ha pouco, promovido agora a primeiro. Ivens é um dos officiaes mais modernos da nossa marinha, e póde considerar-se já um marinheiro consummado.

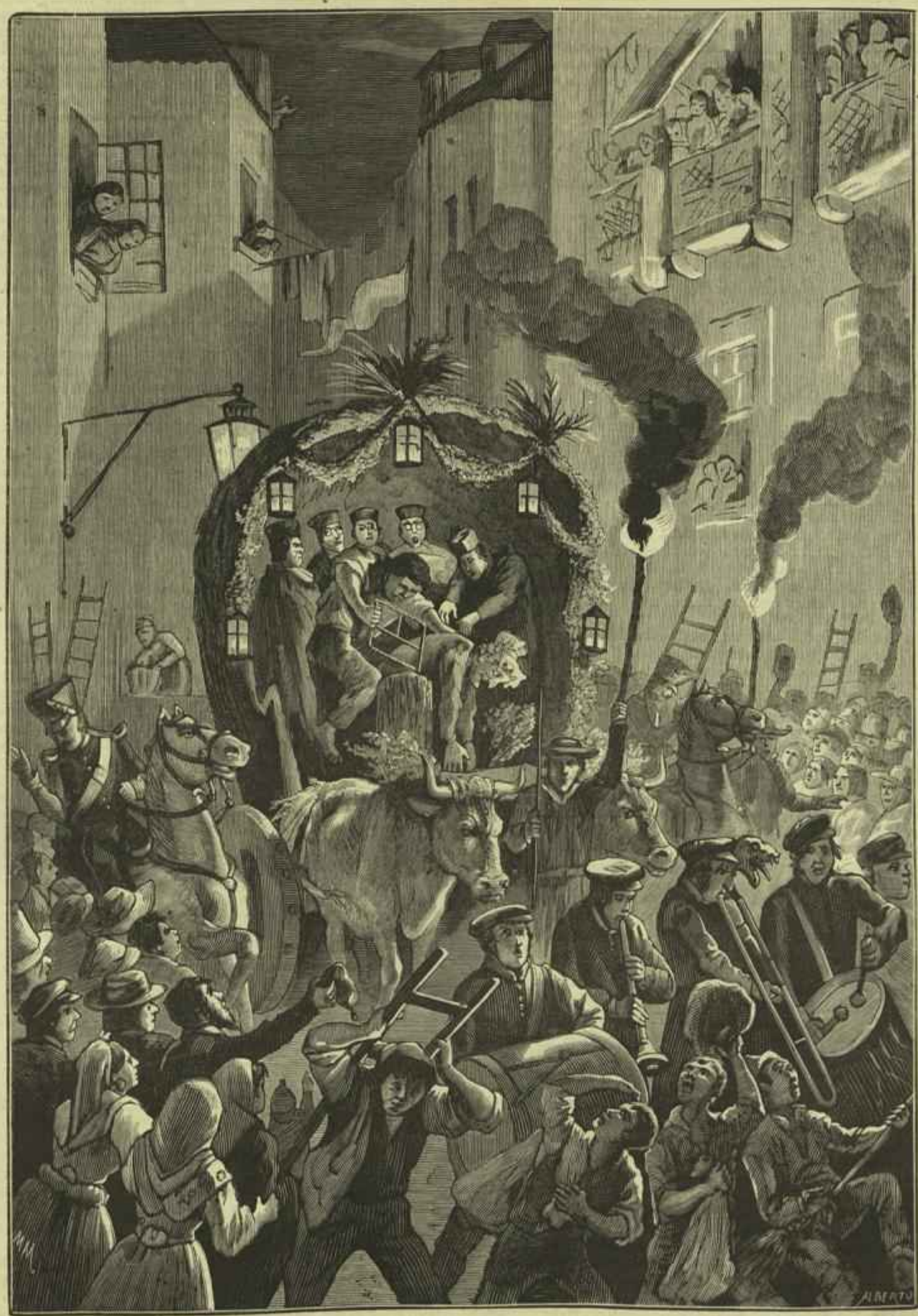
A intelligencia delicada e assimillavel, o amor da profissão, o desejo de saber, supprem-lhe as lições do longo tirocinio.

Inglez pela origem paterna; meridional no temperamento; portuguez não sómente pela situação social, mas por uma especie de naturalisação de consciencia e de affectos: no caracter probo, expansivo, ardente d'este rapaz, como que se equilibram e completam as qualidades e influencias diversas da origem e do meio; da raça e do clima. Valente, enthusiasta, dedicado, tendo longamente ambicionado entrar pelo paiz que lhe é patria n'este rude certamen das explorações africanas, tendo-se preparado pelo estudo, para entrar dignamente n'elle, a sua candidatura á expedição, foi posta sem alternativa pelos seus companheiros actuaes, e acceita sem hesitação pelos que tinham de propôr ao governo os homens a quem cumpria consignar as grandes responsabilidades e encargos do emprehendimento. Ivens é um moço alto e delgado, rosto anguloso e energico, olhos rasgados e intelligentes, palavra facil e abundante, tracto ameno e cheio de delicadezas. Á extraordinaria viveza de imaginação, corresponde uma notavel mobilidade de expressão e de nervos.

Ivens nunca está quieto. Falla muito, e fallando, como que os braços, as pernas, o corpo, procuram acompanhar a expressão, accen-

O RECLAMO (Quadro de M. M. Bordallo Pinheiro, pertencente ao sr. marquez de Penafiel)
(Desenho do mesmo auctor)

ANTIGOS COSTUMES PORTUGUEZES



A SERRAÇÃO DA VELHA (Estudo de Manuel de Macedo)

tual-a, traduzil-a. Ninguem que uma vez o conheça ou converse com elle, resiste á profunda sympathia que o seu genio lhano e bizarro, e o seu tracto insinuante e delicado, inspiram.

Jovial e cavalheiroso, é capaz de captivar e amenisar os *muatas* mais broncos e hostis, pela galanteria da sua convivencia, e pelos recursos do seu genio alegre e expansivo, exactamente como é capaz de lhes provar a severidade da sua energia, e os recursos da rija tempera do seu animo.

Tendo desempenhado brilhantemente varias commissões de serviço, arriscadas e difficeis, o seu amor ás indagações e explorações geographicas, levou-o ha pouco a fazer um rapido reconhecimento do Zaire, de Boma ate Noki, offerecendo o mappa respectivo á Sociedade de Geographia de Lisboa.

Para este emprehendimento, solicitára do brioso commandante do *Tamega*, um pequeno escaler a vapor, e com alguns collegas, distinctos officiaes de marinha e estudiosos moços como elle, foi rio acima, sondando, desenhando, determinando a corrente, o curso, as margens, as resacas, rapidamente, sem descanço. Iria até ás primeiras cachoeiras, se o deixassem. Mas o serviço não permittia delongas.

LUCIANO CORDEIRO.

AS NOSSAS GRAVURAS

O RECLAMO

O quadro com este titulo de Manuel Maria Bordallo Pinheiro, reproduzido hoje no OCCIDENTE e exposto em 1868, foi o segundo que o distincto artista apresentou no genero de miniatura a oleo em que tanto se tem distinguido na França, Meissonier.

N'este genero a *Prova do vinho novo* de Bordallo Pinheiro, foi tambem egualmente apreciado, pelo mimo, pela delicadeza da execução, boa composição e harmonia das côres, qualidades que se dão da mesma fórma no quadro do *Reclamo* pertencente hoje ao sr. marquez de Penafiel.

O quadro reproduzido pela nossa gravura e pelo proprio auctor desenhado, representa um pastor que d'uma janella antiga dá o *reclamo* á sua namorada. A figura do pastor tem bastante expressão e os accessorios estão desenhados com mestria. Resta simplesmente perguntar se o intelligente pintor não empregaria melhor a sua aptidão inspirando-se n'outros assumptos, e abandonando a maneira de que a escola Flamenga foi a derradeira palavra.

Respeitemos entretanto estas inclinações do distincto artista. Se não é possivel fazer já surprezas com composições d'este genero, merece todavia os mais sinceros applausos pela dedicação que professa pela arte e pela fórma porque a procura illustrar no nosso paiz.

A SERRAÇÃO DA VELHA

A serração da velha e o enterro do bacalhau são as duas ultimas ceremonias symbolicas da religião popular. A serração da velha póde-se dizer que é já uma ceremonia extincta, e o lapis de Manuel de Macedo esboça hoje no OCCIDENTE o epitaphio d'esse ultimo mysterio.

O enterro do bacalhau ainda subsiste, e, se eu dissesse ao popular José Augusto que elle é o mais directo descendente da musa theatral do mundo moderno, se eu lhe dissesse que é elle verdadeiramente o morgado da arte scenica, o chefe da vasta familia, de que a sr.ª Emilia das Neves se reputava até hoje a decana, José Augusto caía das nuvens e era capaz de ir requerer a aposentação nos termos do decreto de 4 de dezembro de 1860, revalidado recentemente por uma decisão legislativa.

E comtudo nada ha mais verdadeiro. O theatro moderno tem como o theatro antigo uma origem hieratica, nasceu á sombra da Egreja como o theatro antigo nasceu nas festas religiosas da sociedade grega. Por uma genealogia complicada, mas em que os elos dos *autem genuit* não tem solução de continuidade, o enterro do bacalhau, herdeiro directo do carro em que nasceu nas festas bachicas a repesentação theatral, é, porque assim o digamos, a tipoia de Thespis da actualidade.

O que era o mysterio da meia idade senão a representação visivel e tangivel das scenas mais edificantes dos livros santos, ou a concretação grosseira das mais abstractas concepções da theologia? A alma, as virtudes theologaes figuravam n'essas representações ao divino, como figuravam tambem Adão e Jesus Christo, e nem sempre eram tratados a serio tão altos assumptos. Pelo contrario, o elemento burlesco predominava, e um dos personagens queridos d'essas farças religiosas era exactamente a Quaresma — o Jejum. Essas magras figuras eram as victimas das surriadas dos christãos nas epocas em que a Egreja as despedia, para abrir as portas de par em par aos amplos festins pantagruelicos. Isto acontecia nas farças allegoricas; nas que se extrahiam do Evangelho, os algozes de Christo e Satanaz seu cumplice é que eram tratados com religioso desfavor pelos auctores das peças. Muitas vezes o publico intervinha no desenlace, tratando mal tambem esses odiosos personagens. Assim hoje ainda os nossos patricios do Minho e da Beira vingam á pedrada nos judeus de barro do Bom Jesus e do Bussaco a injuria do Redemptor.

D'estes dois generos sobreviveram até ao nosso tempo as ultimas tradições no seio do povo, esse conservador classico da antiga linguagem e da antiga tradição. O Judas da alleluia é o ultimo representante dos mysterios evangelicos. O Enterro do Bacalhau, e a Serração da Velha são os representantes derradeiros dos mysterios allegoricos.

Succede assim no theatro o que succede na lingua. Ao passo que o povo conserva pura a tradição classica da linguagem primitiva e falla ainda hoje como fallava Gil Vicente, no seio das classes elevadas a lingua modificou-se e aristocratisou-se, e os nobres descendentes dos fidalgos de D. Manuel riem-se da corruptela popular que não é senão a conservação pura da lingua que fallavam os seus avós. Hoje, ao passo que o senhor D. Luiz I, para irmos logo ao mais alto, diz *Magdalena*, o infimo subdito de Sua Magestade presiste em dizer *Madanela*, como dizia S. A. o senhor D. Manuel que Deus tenha em gloria.

Ao passo que o mesmo augusto senhor applaude, do seu camarote do theatro de D. Maria II, a declamação da sr.ª Emilia das Neves, o infimo dos seus subditos applaude nas aldeias do Minho o *Auto da degolação dos innocentes*, como o senhor rei D. Manuel applaudia o *Auto dos Reis Magos* nos explendidos salões dos paços da Ribeira.

Mas as tradições populares têem, como muitos outros phenomenos historicos, o periodo hieratico, o periodo heroico e o periodo prosaico. A *Serração da Velha* foi primeiro a festa symbolica em que os christãos magros e desfallecidos se vingavam da quadra do jejum, d'essa velha rabugenta, cortando-a ao meio dentro de um cortiço ao som de festivos applausos, depois passou ao periodo heroico. Já não apparecia a velha nem o cortiço, mas os galleguinhos lorpas recemchegados de S. Thiago de Compostella eram levados de escada ás costas para presenciar a festa, e para receber as castanhas e nozes que por essa occasião distribuia a boa da velha. As castanhas que elles recebiam eram tapona bravia, e davam-se por essa occasião combates verdadeiramente homericos de chinguiço e de sacco. Hoje não ha combates, porque tambem já não ha gallegos, e a serração da velha morreu no segundo periodo da sua evolução.

O Enterro do Bacalhau é que chegou ao terceiro periodo, ao periodo positivo, ao periodo da especulação. Nós atravessamos uma quadra essencialmente democratica e vulgarisadora, em que se estão procurando pôr ao alcance de todas as bolsas as coisas mais requintadas do luxo, e em que se fornece por preço cotado no mercado tudo o que d'antes constituia as aspirações mais queridas da alma. D'aqui a pouco supponho que até mesmo «almas» se poderão encontrar por preços commodos, para uso dos espiritualistas que não tiverem tempo de se occupar d'esse elemento da sua existencia.

Mas emquanto não ha alma, o que se encontra no mercado é poesia — com a sua cotação correspondente. Alugam-se arvores do Natal, alugam-se crianças louras, alugam-se avós veneraveis, os Recreios vendem alcachofras na noite de S. João, e alugam fogueiras para ellas se queimarem, e alugam namoradas candidas — sendo candidas é um pouco mais caro; os mesmos Recreios, no dia 24 de julho, alugam musicas para tocarem hymnos liberaes, alugam veteranos da liberdade, alugam vivas, alugam enthusiasmo; os milagres vendem-se em Lourdes a tanto o frasco, faz-se abatimento em se restituindo a garrafa; chegámos á perfeição de até alugarmos *can-can!* O *can-can* parecia que era uma expansão completamente pessoal das pernas de cada um. Pois aluga-se tambem, e nós atravessamos monos e tristes, espectadores enfastiados, os bailes em que a alegria é alugada, em que é alugada a orgia, em que é alugada a intriga, em que são alugados os *rendez-vous*, em que é alugado tudo.

O Enterro do Bacalhau chegou a ser alugado tambem. Assim como no entrudo as danças, que manifestam a alegria popular, teem todas emprezario, assim tambem o Enterro do Bacalhau constitue uma empreza organisada, que não sei se distribue dividendo. Ao menos, sejamos justos, a Serração da Velha escapou a essa humilhação suprema. Morreu quando devia morrer, morreu quando já era uma sombra de si propria, mas quando era ainda festa popular devéras e a valer, e soube escapar gloriosamente ao destino cruel de vir a ter Barnum, e de vir a ter *réclame*.

PINHEIRO CHAGAS.

OS ULTIMOS AMORES DE GOETHE

IV

«Resta saber se o homem tem o direito de elevar-se n'essa região onde todas as dôres verdadeiras ou falsas, reaes ou simplesmente imaginarias se tornam para elle eguaes, em que deixa de ser homem senão artista, em que a luz, bem que alumie, já não fecunda; e se essa maxima, uma vez acceita, não implica a negação absoluta do caracter humano. Ninguem pensa em disputar aos deuses a sua tranquillidade eterna; esses podem olhar todas as cousas da terra como um jogo, de que regulam os azares a seu bel prazer. Mas nós, homens, e portanto sujeitos a todas as necessidades humanas, não podemos divertir-nos com posturas e gestos theatraes. Acima de tudo conservemos a seriedade, a sagrada seriedade, sem a qual todas as artes degeneram n'uma representação miseravel. Comedia! comedia! Sophocles, porém, não era um impostor, Eschylo ainda menos.

«Tudo isto são invenções do nosso tempo. David cantava os seus hymnos com mais coração do que Pindaro, e David governava o seu reino.

«Digam-me: quaes são os dominios de Goethe? Estuda a natureza em todos os seus phenomenos, desde o hysopo até ao cedro do Libano. A natureza! Absorve-a mesmo em si, segundo quer dizer; assim seja! Não acho porém n'isso rasão para roubar ás minhas vistas o mais bello de todos os phenomenos, o homem na sua grandeza natural e moral.»

Na bocca de Herder teem estas palavras, comquanto severas, reconhecida auctoridade.

Merck, um dos amigos da infancia de Goethe, dizia-lhe um dia encolerisado:

—«Sabes que mais, Goethe, quando eu te comparo ao que podias ser e ao que não és, tudo que tens escripto me parece uma miseria!»

Ha colera e não justiça na ultima parte d'este juizo.

Goethe poderia ter sido outro homem, mas admittido que seja o seu modo de ser, a obra d'elle é d'uma perfeição e d'uma harmonia inexcediveis.

Elle é por assim dizer o grande organisador germanico: é a encarnação definitiva do genio da sua nação.

Conductor dos espiritos, realisou o raro prodigio da universalidade e da harmonia, e por isso soube coordenar admiravelmente os elementos accumulados ou dispersos no solo riquissimo do seu paiz, e dar a todos os germens, ainda submersos no cahos, a vida una de que elles careciam para desenvolver-se e manifestar-se d'um modo completo.

Se alguma cousa tem n'elle a tenacidade e o vigor da paixão, a ponto de a substituir quasi sempre, é a curiosidade.

A sua curiosidade, altamente comprehensiva e sagaz, revela-lhe desde os mais intimos mysterios da natureza até aos mais delicados mysterios do sentimento.

É ella que o leva a interrogar os mundos alluidos, as civilisações arruinadas, as desordens moraes que terminam pelo suicidio, os dogmas pavorosos ou obscuros das religiões extinctas, a materia e o espirito, o mundo real e o phantastico, que o faz identificar-se com todos os sentimentos que reproduz, assimila-los para chegar a compenetrar-se absolutamente da essencia d'elles; ser grego como Homero ou como Platão, ser asiatico como Hafiz, astrologo como Paracelso, francez como Voltaire, barbaro como a Edade Média. A curiosidade que se applica d'este modo é o mais productor dos instrumentos do genio.

Auxiliado e servido por ella, Goethe escreve o Werther, o mais perfeito producto do seu tempo; o Goetz a mais completa pintura do herbarismo feudal; o Fausto, a epopeia do seculo dezenove, o evangelho do pantheismo, o livro de sete sêllos que atterra os profanos, e que segundo affirmam, deslumbra os iniciados; levanta n'um pedestal grego a sua marmorea Ephygenia; impregna dos aromas languorosos do Oriente os versos do seu Divan; medita e escreve a *metamorphose das plantas* que, no dizer de Heckœl, basta para o collocar no mundo da sciencia no logar culminante em que elle dá a mão a Darwin e a Lamarck, como predecessor de ambos na descoberta da theoria da evolução.

Consagremos um rapido parenthesis ao Goethe naturalista, e investigador infatigavel da sciencia.

Desde bem moço, sente-se attrahido para estes estudos, e é com admiravel tenacidade que lucta e combate contra o preconceito que expulsa das investigações sérias os homens de imaginação e de poesia.

Percebe a ligação estreita que une entre si todas as sciencias, e d'esta percepção deriva o desejo de as penetrar a todas.

A anatomia e a botanica devem-lhe observações admiraveis, que serviram de base a muitos progressos modernos; a mineralogia, a astronomia, a zoologia, a chimica, tiveram-n'o por desvellado cultor.

Ao principio, repellido ou desdenhado pelos sabios, viu no cabo de perseverantes esforços acolhidas as suas theorias, applaudidas as suas descobertas, reconhecido o seu relevante merito n'estes ramos preciosissimos da sciencia e proclamado com justo louvor o seu nome pelos homens especiaes da Europa inteira.

Nos ultimos annos da sua vida, mais do que nunca interessado no progresso das sciencias naturaes, a que tinha consagrado tantos annos de assiduo estudo, corresponde activamente com os sabios mais famosos, com anatomistas, como Carus, Dalton, Sœmmering, Geoffroy Saint Hilaire; com botanicos como Martins e Turpin; com geologos e mineralogistas como Lentz, Leonhard, Grwer; com physicos e chimicos como Dœbereiner, Seebek, Howard; com viajantes como Alexandre Humboldt, o qual lhe dedicou o seu livro da *Geographia das plantas*.

Os trabalhos especiaes de cada um d'estes homens, notavel no ramo que escolhera, interessava-o profundamente a elle, cuja universalidade de vistas o não deixava conservar-se estranho a estudo algum.

Quando em França se travou a famosa polemica entre Cuvier e Geoffroy Saint Hilaire, Goethe segue-a com um interesse apaixonado que lhe faz esquecer outra qualquer preoccupação, e exulta com o triumpho das doutrinas de Saint Hilaire, ao vêr n'elle o desenvolvimento e a demonstração de idéas que havia por assim dizer descoberto.

O proprio Geoffroy Saint Hilaire faz plena justiça aos serviços prestados por Goethe á sciencia.

São d'elle estas palavras:

«—Uma das mais elevadas idéas do seculo em philosophia natural é a unidade de composição organica; hoje essa idéa pertence aos dominios do espirito humano, e deve-se a Goethe tão memoravel triumpho.»

Helmolt, illustre physiologista moderno da Allemanha, diz as seguintes palavras que são a consagração d'uma gloria:

—«Goethe teve o grandissimo merito de adivinhar as idéas fundamentaes que hoje presidem aos progressos das sciencias naturaes.»

Deve-se, pois, incontestavelmente a Goethe o ter adivinhado e presentido, com a sua larga intuição das cousas da natureza, a *unidade de composição* e a *idéa da metamorphose*, duas manifestações da mesma lei, dois aspectos d'esta grande verdade, que a natureza procede sempre seguindo regras uniformes, simples, invariaveis, das quaes nunca se affasta.

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

GABRIEL

II

Um inverno que Gabriel veio passar a Lisboa, n'uma *soirée* em casa do barão de..., foi-lhe apresentada uma das raparigas mais elegantes da primeira sociedade, que mostrára desejos de o conhecer de perto.

Fernanda era uma creatura dotada da mais ardente phantasia, educada na leitura de exaltadas utopias, em livros tanto mais perniciosos quanto attrahentes no estylo, e velhacos na fórma.

Todos os resultados funestos da escola da Feuillet alcançára-os o seu espirito n'um alto grau. O romantismo ascendera-lhe na imaginação scintillações estranhas.

O seu temperamento, porém, repellira energicamente todas as exitações melancholicas, e a sua phantasia irrequieta arrojaram-se com intrepidez aos mundos das idealidades aventurosas.

A historia de Gabriel produziu n'ella uma grande curiosidade. Um homem que vivia só no mundo, sem paes, sem familia, sem amigos, arisco como um urso montanhez, desconfiado de todos e de si proprio!

Que missão tão gloriosa e tão sympathica a da mulher que, sabendo desbastar todas as selvaticas asperezas d'aquelle caracter, soubesse levantal-o d'aquella inferioridade consciente, ensinando-lhe a existencia d'um sentimento que nunca conhecêra, que nem mesmo sabia se existia: — o amor!

Ser a sua companheira dedicada, a parte indispensavel da sua vida, o elemento unico da sua felicidade!

Fernanda tinha sorrido muitas vezes, intimamente, á idéa de que essa missão lhe poderia vir a pertencer.

* * *

Filha unica de um abastado membro da moderna fidalguia, facil é de imaginar que todos os caprichos eram satisfeitos pelo pae, ao objecto unico da sua alegria de dezoito annos.

As minimas vontades de Fernanda, eram leis na casa aonde habitavam os dois, sem que ninguem podesse saber se eram dois esposos ou dois namorados.

Na *soirée* em que se encontraram Gabriel e Fernanda, todos repararam na assiduidade, na dedicação com que esta buscava, nas minimas coisas, patentear as attenções com que o distinguia.

E Gabriel que sentira a sua natureza expandir-se expontaneamente diante d'aquella mocidade tão alegre, tão franca, tão sinceramente communicativa, attribuiu todas essas demonstrações de apreço ás suas qualidades de conversador. E se alguma cousa lhe causou estranheza foi encontrar na sociedade um espirito feminino, tão superiormente cultivado, e uma intelligencia tão precocemente amadurecida.

Fernanda teve de se retirar cedo do baile. Saía pelo braço do pae, e Gabriel foi acompanhal-os até á porta.

Ao entrar para a carruagem, Fernanda, demorando a sua mão entre as de Gabriel, perguntou-lhe:

—Quer v. ex.ª vir jantar comnosco ámanhã? Um jantar em familia, um pretexto para conversarmos. Meu pae teria muitissimo prazer em o receber como a um bom amigo.

—Com muito gosto, sr. Gabriel de..., com muito gosto, acudiu o velho, conchegando-se no fundo da carruagem, envolto o pescoço no seu cache-nez felpudo.

—Minha senhora, pertencia-me ir patentear a v. ex.ª os meus protestos da mais respeitosa consideração. A vossa antecipada amabilidade deixa-me summamente penhorado.

—Então até ámanhã, disse Fernanda saltando ligeira para o caleche.

* * *

Gabriel era recebido como um intimo, no pequeno grupo dos mais estimados, como uma pessoa de familia.

No dia em que jantava com os dois, n'uma intimidade honesta, entrava na casa como que um raio de alegria; notava-se mais vida mais actividade em tudo.

Fernanda que era a animação e a providencia d'aquella casa, fazia communicar a tudo que a cercava uma alma nova.

Tinha o *defeito* plebeu de, no meio das suas opulencias fidalgas, se importar um pouco com o *ménage* da sua casa.

Á mesa Gabriel sentava-se á direita de Fernanda.

Á noite, aos serões, entretinham-se os dois a discutir assumptos de occasião, a commentar as revistas estrangeiras, a fazer um bocado de critica da arte, ou da phylosophia da historia, ou a desenhar á penna, em commum, umas figuras phantasticas, ou umas paizagens estravagantes.

Fernanda cultivava a caricatura, para a qual Gabriel se não sentia com disposição alguma; tendo de conceder á sua companheira o absoluto dominio n'esse campo.

Ella ás vezes fazia a caricatura dos dois, de braço dado; — ella

muito esguia, com a cintura que era uma linha, extremamente alta, com os pés muito pequenos, e desproporcionaes ao corpo; elle gordo, amochilado, redondo, meneiando airosamente o corpo com um ar de *dandy*.

Gabriel que mostrava achar muita graça ao espirito de caricatura, no intimo sentia morder-lhe o espinho do seu infortunio.

Fernanda porém, apresentando-o n'aquella intimidade com ella, como n'uma intimidade de esposos, julgava lisongeal-o, fazendo vêr quanto estava superior ao preconceito.

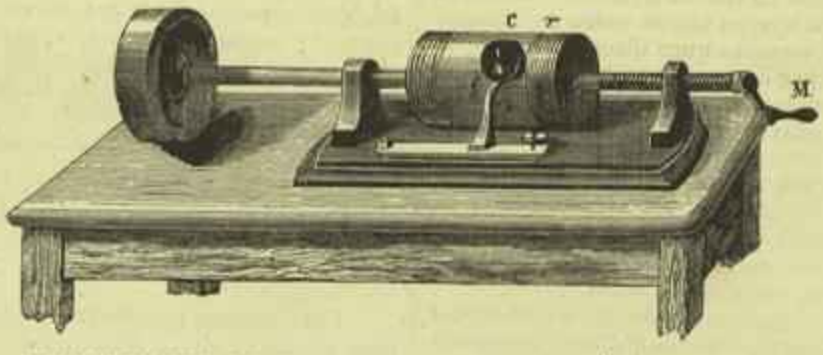
(Continúa.) CHRISTOVÃO AYRES.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

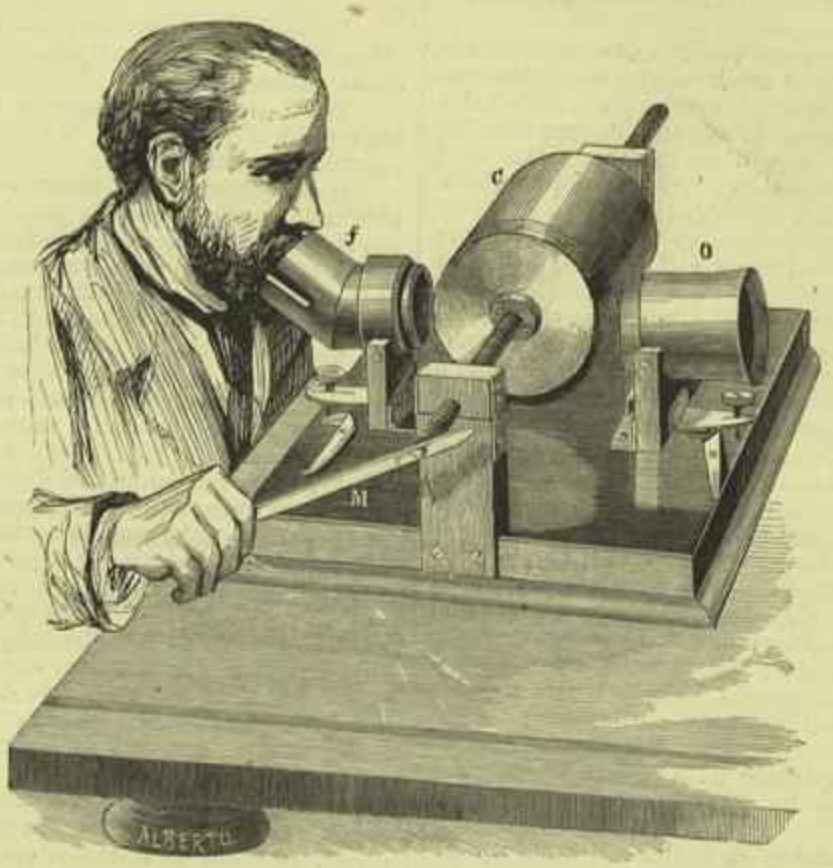
PHONOGRAPHO FALLANTE DE EDISON

Depois do tão preconisado telephone de Bell, instrumento que, com mais ou menos successo, tem percorrido o mundo civilisado, veiu um apparelho, não menos interessante, fazer a admiração do nosso seculo, que tem presenciado não poucas maravilhas nos dominios da sciencia e da industria. Seu auctor, um americano, Thomás Edison, apresentou-se um dia com o seu apparelho no escriptorio da redacção do jornal *Scientific American*, de New York; collocou-o sobre uma mesa, deu á manivella, e a mysteriosa machina perguntou pela saude dos jornalistas, se gostavam do phonographo, declarou-se em bom estado e deu-lhes as boas noites.

Posteriormente em diversas occasiões, e por ultimo na Academia das sciencias de Paris, o instrumento de Edison foi experimentado com feliz exito.



O PHONOGRAPHO DE EDISON PARA A REPRODUCÇÃO DE PALAVRAS



PHONOGRAPHO DE EDISON VISTO DE PERFIL E FUNCCIONANDO

O phonographo é um apparelho que reproduz os sons que se emittem na sua presença em certas condições. Eis em resumo a sua descripção:

Um cylindro *C*, cujo eixo é roscado, recebe por meio de uma manivella *M*, ou de um mechanismo de relojoaria, um movimento de rotação e de translação ao mesmo tempo; o cylindro tem uma ranhura *r* em espiral, cujo passo é egual ao da rosca do eixo, e é envolvido por uma folha de estanho.

Um portavoz *f* é munido de um diaphragma metallico, assentando sobre uma almofada de caoutchouc, e tendo ao centro uma ponta metallica que se apoia contra a folha de estanho do cylindro, no logar aonde está a ranhura. Fallando com força na embocadura d'este portavoz e fazendo girar o cylindro, o diaphragma metallico vibra, e a ponta que encosta sobre a folha de estanho no logar aonde está a ranhura, e portanto aonde falta o apoio, vibrando tambem em um plano perpendicular ao eixo do cylindro, produz, na dita folha de estanho, uma dentadura ou linha sinuosa com altos e baixos ou saliencias e reintrancias, mais ou menos profundas, que representa o movimento vibratorio dos sons produzidos no portavoz.

O mechanismo fallante compõe-se de um tubo *o* com um outro diaphragma metallico com uma ponta, que uma delicada mola encosta á folha de estanho do cylindro *C* do apparelho no logar da ranhura.

Dando pois movimento de rotação ao cylindro *C*, as sinuosidades da folha de estanho fazem vibrar a ponta metallica e portanto o diaphragma do tubo *o*, que fará as mesmas vibrações que o do portavoz, e portanto reproduzir-se-hão os sons que n'este se haviam dado, se o movimento do cylindro fôr o mesmo em ambos os casos; para obter esta identidade no movimento do cylindro, na occasião em que se falla ao instrumento e n'elle se inscrevem os sons, e no momento em que elle os reproduz, é preferivel empregar como motor um mechanismo de relojoaria. Se o movimento do cylindro não fôr identico, os sons são reproduzidos n'outro tom.

No estado actual os sons reproduzidos são muito mais fracos que os primitivos e o timbre é frequentemente alterado.

O mais singular no phonographo é poder a reproducção dos sons ser feita em qualquer occasião, e portanto muito depois, e em differente logar d'aquelle em que se inscreveram no instrumento as vibrações do portavoz.

Nas figuras juntas vê-se em uma o apparelho com o portavoz; n'outra está representado o phonographo com o portavoz *f* e o receptor fallante *o*, na occasião de se fallar ao instrumento e de se inscreverem os sons.

F. BENEVIDES.

BIBLIOGRAPHIA

ALBERTO BRAGA — **Contos da minha lavra.** — O auctor d'este livro não pertence á escola de Zola, muito menos á de Flaubert, e menos ainda á de Droz. A sua indole litteraria é filha de si proprio, influenciada pelo proprio meio em que vive. Nos *Contos da minha lavra* manifestam-se apreciaveis qualidades de narrador. Alberto Braga apanha os seus typos em flagrante, no seu meio, e photographa-os com todo o colorido, com todo o pittoresco da natureza.

Encerra cinco contos o livro. *O amor do padre Margarida, A redempção, A serpente, A rebeca de Nicolau, O romance da baroneza.* Leem-se todos d'um folego, como se leem aquellas celebradas *Novellas do Minho*, de Camillo. Eis o maior elogio que nos é dado fazer do livro e do auctor.

Nos estreitos limites d'esta secção em que pouco mais podemos fazer do que dar noticia das obras com que os seus auctores nos honram, não ha logar para juizos criticos.

Os *Contos* d'Alberto Braga deixam-nos a impressão d'aquellas risonhas paizagens do Minho que tantas vezes o leitor tem percorrido, guiado por Camillo Castello Branco. As paizagens são as mesmas, os personagens fallam um pouco, como não podia deixar de ser, a mesma linguagem, são movidos pelas mesmas paixões, d'onde se segue que para obrigar o leitor a viver de novo algumas horas n'este pequenino mundo, é realmente preciso ter talento, ter espirito e saber conversar muito bem. Eis aqui por que Alberto Braga nos encanta, e por que elle, como romancista, deve conquistar um logar á parte no nosso mundo litterario.

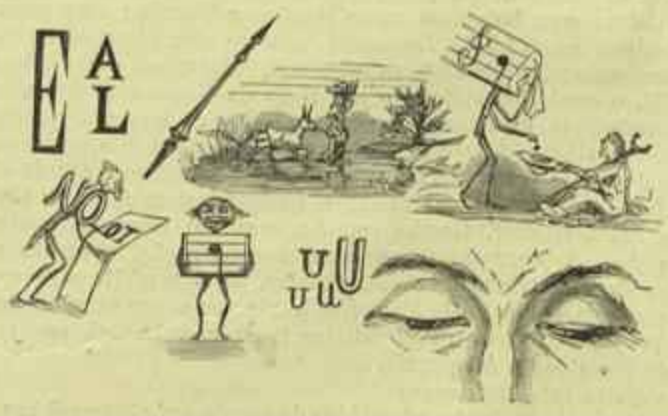
A Formosa Luzitania. — Estão publicadas 5 cadernetas d'esta obra, escripta em inglez por Lady Jackson, e traduzida, prefaciada e anotada por Camillo Castello Branco, o que é sufficiente já como elogio.

A edição portugueza, que se deve ao sr. Manuel Malheiro, proprietario da Livraria Portuense do Porto, é das mais luxuosas que se tem feito no nosso paiz e honra as officinas nacionaes. É acompanhada d'estampas representando edificios, monumentos e paizagens de Portugal.

Lady Jackson esteve em Portugal ha 5 annos. Descreve as suas impressões ácerca da vida e dos costumes portuguezes, ordinariamente com certa justeza de observação, mas quando não é conforme com a verdade as notas de Camillo dão-lhe o necessario correctivo, de maneira tal, que a gente fica pearozo... da obra não ser toda composta de notas.

A obra deve dar 15 cadernetas, com 20 gravuras. É uma edição de luxo, digna em primeiro logar dos bellos espiritos, em segundo das elegantes salas.

ENIGMA



Explicação do enigma do n.º antecedente:

Acaba; e mais veloz que a leve setta, parte do Itaréo arco.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

LALLEMANT FRÈRES TYP. LISBOA
Rua do Thesouro Velho, 6